

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA - IECLB
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

**LITURGIA E NEGRITUDE: UMA APROXIMAÇÃO
AO TEMA NA PERSPECTIVA DA IGREJA
PRESBITERIANA UNIDA DO BRASIL**

IZAURA MARCIA VENERANO

MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM TEOLOGIA
Área de concentração: Liturgia

SÃO LEOPOLDO – RS
Agosto de 2003

**LITURGIA E NEGRITUDE: UMA APROXIMAÇÃO
AO TEMA NA PERSPECTIVA DA IGREJA
PRESBITERIANA UNIDA DO BRASIL**

**MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM TEOLOGIA
Área de concentração: Liturgia**

por

IZAURA MÀRCIA VENERANO

**em cumprimento parcial das exigências
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia
para obtenção do grau de
Mestra em Teologia**

Escola Superior de Teologia

São Leopoldo, RS, Brasil
Agosto de 2003

DEDICATÓRIA

À:

Carolina Beato Venerano, minha mãe;

Maria da Conceição Beato Domingues e Teófila Lopes, minhas tias;

(+) Izaura Pereira Beato, minha avó, todas, mulheres de fé, coragem e esperança,

as quais devo muito do que aprendi e sou.

Ao Rev. Joaquim Beato, meu tio, inspiração e exemplo de fé.

Aos amigos e irmãos na fé:

(+) Rev. Guilherme Breder, (+) Ernesto Barros Cardoso,

Xico Esvael, com os quais aprendi a valorizar e amar a liturgia.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, pela oportunidade e possibilidade oferecidas com o pioneirismo deste mestrado;

Ao professor e orientador Dr. Nelson Kirst, pela dedicação, orientação, apoio e atenção pastoral que me motivaram ao desejo de “moldar liturgia”;

Aos colegas, amigas e amigos desta 1ª turma do MPL, esquecê-los será impossível;

Às secretárias do IEPG, ao José Alencar e à Debora, aos funcionários da biblioteca e da livraria pela atenção e gentileza no atendimento;

À IPU - Jardim da Penha, pela ajuda de custo muito significativa;

Às irmãs e irmãos da IPU - Maruípe pelo carinho e acolhida, oportunizando constatar que “moldar liturgia” não é apenas um sonho;

Às irmãs Dalila, Cecília e Laírces da IPU - Jardim da Penha - pelo carinho e orações constantes;

À Raquel, Nelson e Clariezer pela atenção, amizade e os muitos momentos que me fizeram sorrir;

E em especial:

A Deus, que a cada manhã me fez renovadas as forças. A Ele, pois, glória e honra;

A minha família, que nunca deixou faltar apoio, carinho e torcida pela realização deste mestrado;

À Verônica Golçalves Beato Venerano, George, Neurimar, Winícius (meus compadres e afilhado), Eliane Brêda, Rev. Átila José dos Santos e família, Orênicia Alves Corrêa, Odete Liber de Almeida Adriano, pela presença amiga, incentivo e apoio quando tudo parecia não ter solução;

À Sônia Gomes Mota e Nelson Kilpp que me deram acolhida, carinho e atenção ao abrirem-me as portas de sua casa;

A todas as pessoas que motivaram a realização do mestrado e contribuíram de várias maneiras durante a execução deste projeto.

VENERANO, Izaura Márcia. **Liturgia e Negritude**: uma aproximação ao tema na perspectiva da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil – IPU. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003.

SINOPSE

Tendo por tema Liturgia e Negritude, este trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica e objetiva: resgatar aspectos litúrgicos afrodescendentes presentes na liturgia reformada brasileira, sem serem oficialmente reconhecidos; buscar embasamentos bíblicos-teológicos, históricos e científicos, para a realização de estudos, reflexões, discussões, com vistas à realização de uma liturgia inculturada, na qual os cristãos afrodescendentes, membros de Igrejas Protestantes Históricas de tradição calvinista, possam expressar sua fé sem negar suas raízes étnicas e culturais. O primeiro capítulo informa sobre a vinda do negro africano escravizado para o Brasil e a postura das Igrejas Históricas Protestantes em relação a essa população. O segundo capítulo versa sobre recuperação da negritude na liturgia, em que procurou-se trazer uma visão histórica dos cultos afros no Brasil, a importância do rito, corporeidade, espaço litúrgico, fundamentação bíblico-teológica, apresentando também aspectos da inculturação. O terceiro capítulo é destinado as possíveis contribuições da liturgia afrodescendente para a vida das comunidades da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil-IPU, para isso procura mostrar a IPU e suas Comunidades, o que é liturgia afrodescendente. Por fim, extrai do que foi apresentado nestes capítulos, a necessidade de despertar e instrumentar as Igrejas Protestantes e Históricas de tradição calvinista para uma mudança de sua práxis litúrgica instigando-as a rever o culto que celebram, a história do culto cristão, à busca de um renovar litúrgico em que sejam valorizados os ritos, a corporeidade, o espaço litúrgico à luz de uma fundamentação bíblico-teológica, em que se prestem o culto a Deus com entusiasmo e sinceridade, numa liturgia inteligente, com beleza e vitalidade enriquecida pela alegria e o jeito de ser afrodescendente.

VENERANO, Izaura Márcia. **Liturgy and Black Identity**: an approach from the perspective of the United Presbyterian Church of Brazil (IPU). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003.

ABSTRACT

With the theme Negritude and Liturgy, this paper is based on bibliographical research and aims: to rescue the afrodescendant liturgical aspects present in the Brazilian reformed liturgy that aren't officially recognized; to search historical, scientific and biblical-theological basis for the realization of studies, meditations, debate for the achievement of a transcultural liturgy where the afrodescendant Christians, members of Historical Protestant Churches of Calvinist traditions can express their faith without denying their cultural and ethnical roots. The first chapter informs about the coming of the enslaved African black people to Brazil and the position of the Historical Protestant Churches in relation to this same population. The second chapter talks about the recuperation of the negritude in the liturgy, where we tried to show the historical vision of Afro worship in Brazil, the importance of rite, corporeability, liturgical space, theological biblical basis, presenting also inculturation aspects. The third chapter is designed to show possible contributions of afrodescendant liturgy for the life of the communities of the United Presbyterian Church of Brazil – IPU, for such it searches to show to the IPU and its communities what is afrodescendant liturgy. At last it extracts of what was presented in these chapters the need to awaken and to instrument the Historical and Protestant Churches of Calvinist tradition for a change of liturgical praxis, instigating them to verify the worship they celebrate, the history of Christian worship the search for a liturgical renewal where the rites are valued, corporeability the liturgical space in the light of a biblical-theological foundation, where a worship intelligent liturgy with beauty and vitality enriched by the happiness and the afrodescendant way of being.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I	
1 A VINDA DO NEGRO E AS IGREJAS PROTESTANTES	11
1.1 A Vinda do Negro ao Brasil.....	11
1.2 A Postura de Igrejas Protestantes em Relação à População Negra.....	13
CAPÍTULO II	
2 RECUPERAÇÃO DA NEGRITUDE NA LITURGIA	20
2.1 Cultos Afros no Brasil.....	20
2.2 Ritos.....	23
2.3 Corporeidade.....	25
2.4 Espaço Litúrgico.....	26
2.5 Fundamentação Bíblico-Teológica para uma Recuperação da Negritude na Liturgia.....	27
2.6 Aspectos da Inculturação.....	32
CAPÍTULO III	
3 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA LITURGIA AFRODESCENDENTE PARA A VIDA DAS COMUNIDADES DA IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DO BRASIL - IPU	35
3.1 A IPU e suas Comunidades.....	35
3.2 O que é Liturgia Afrodescendente?.....	38
3.3 Possíveis Contribuições da Liturgia Afrodescendente.....	40
CONCLUSÃO	45
BIBLIOGRAFIA	46

INTRODUÇÃO

Os estudos sistematizados e realizados no decorrer do Mestrado Profissionalizante em Liturgia contribuíram para que fizéssemos uma análise e reflexão sobre o Culto Cristão e sua liturgia, constatando que os mesmos têm uma História que foi se formando e desenvolvendo no decorrer dos séculos cristãos. História essa, que traz marcas das várias culturas e povos com os quais o cristianismo entrou em contato. E, assim, tanto a Igreja como a liturgia foram por adaptações, criatividade e inculturações.

Em meio a esses vários matizes culturais e étnicos podemos afirmar como White que “a recuperação de nossas raízes deu-nos asas”¹, ao assumirmos nossa identidade afrodescendente, professando a fé cristã, sendo membro de uma Igreja de tradição calvinista, cuja origem é a Reforma Protestante do século XVI, que teve uma postura no Brasil em relação à população negra, ora de omissão, ora de repressão e discriminação, como registra a história ². Começam então a eclodir questões que estavam adormecidas, que dizem respeito especialmente a assegurar nossa confessionalidade sem negar nossas raízes étnicas e culturais.

Estas questões direcionaram a escolha do tema desta monografia intitulada **Liturgia e Negritude: uma aproximação ao tema na perspectiva da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil – IPU**, objetivando buscar embasamentos científico e bíblico-teológico, que fundamentassem o repensar de nossa prática litúrgica que não se dá isolada, mas juntamente com a comunidade da fé, em que sentimos a necessidade de momentos cultural, em que se experimente a práxis de uma inculturação litúrgica afrodescendente, sem que simplesmente façamos um transplante da teologia e dos elementos fundantes dos cultos afros. Surgem, então, outros questionamentos: -

¹ WHITE, James F. **Introdução ao Culto Cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 123

² ANDRADE, Ezequiel Luiz de. **Metodismo e Escravidão no Brasil (1835-1888)**. São Paulo: Brasil, 2002, p. 188.

Como refazer a prática litúrgica? – Por que fazer isso? – Estaria essa prática respaldada por uma fundamentação bíblico-teológica? – Como levar às Igrejas a despertarem-se para o repensar de sua práxis litúrgica? Na busca de respostas a esses questionamentos? Surge essa pesquisa bibliográfica, objetivando através dos temas desenvolvidos em seus três capítulos, buscar subsídios para que a partir dos mesmos, possa ser estabelecida uma proposta às Igrejas Históricas, oriundas da Reforma Protestante do século XVI de tradição Calvinista, a começar pela Igreja Presbiteriana Unida do Brasil – IPU, em que aspectos da cultura afro, de modo subjetivo, por serem algo intrínseco, já estão inseridos em seu culto, sem que todavia a comunidade perceba. Isto porque no Brasil, a igreja protestante histórica, recebeu a influência direta da “democracia racial” da qual soube apropriar-se muito bem e, de forma subjetiva, expressava-a através de sua prática litúrgica, evangelística e teológica. Dessa forma, passou a ser um dos instrumentos de preservação dessa ideologia, o que pode ser comprovado pela análise de sua hinologia, pelas interpretações e traduções dadas aos textos bíblicos e em muitas outras formas de comunicação. Esta pesquisa, portanto, apresenta elementos que confirmam esses pressupostos.

Por que a escolha da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil – IPU como campo de investigação?

A partir de uma percepção enquanto mulher negra, líder presbiteriana, que fez parte da fundação dessa Igreja, que continua como sua membro, e, sendo a mesma uma Igreja de tradição reformada Calvinista, que propõe ser uma Igreja de confissão presbiteriana, com respeito a dignidade, com liberdade, aceitando o desafio do pluralismo, que reconhece o direito a diferentes posicionamentos exegéticos e teológicos, que recebem influência de condicionamentos históricos e culturais, mas que são orientados pelo Espírito Santo em suas transformações, e, que tais posicionamentos estão expressos, registrados e publicados em seus documentos fundantes que são os “Princípios de Fé e Ordem”, “Compromisso”, “Pronunciamento Social”, “Manifesto” e a “Declaração”.

Acreditamos ser essa Igreja o espaço privilegiado para fomentar a reflexão, estudos e discussões da temática Liturgia e Negritude. E, assim, neste espaço, a partir do resgate de informações, iniciado pela análise histórica da vinda do negro ao Brasil e às Igrejas Protestantes, fundamentação na concepção bíblico-teológica para uma recuperação da negritude na liturgia e análise das possíveis contribuições da liturgia afrodescendente para a vida das comunidades da IPU, objetiva-se este trabalho resgatar, a partir de uma experiência de liturgia reformada, aspectos litúrgicos afrodescendentes presentes em nossas celebrações comunitárias, que através dos temas e subtemas apresentados por essa pesquisa, possibilite a realização de uma celebração litúrgica na qual seja resgatada a sensibilidade, o emocional, o afetivo, o místico, a corporeidade, os símbolos, o transcendente, sem perder a espontaneidade e nem se transformando numa programação estética e sem vida. E, assim seja celebrado o Deus que vem ao encontro do seu povo numa liturgia inteligente com vitalidade e beleza, enriquecida pela alegria que o povo negro traz ao celebrar.

1 A VINDA DO NEGRO E AS IGREJAS PROTESTANTES

1.1 A Vinda do Negro ao Brasil

No ano de 1500, chegaram os portugueses ao Brasil. Aqui, encontraram três milhões de índios, com sua cultura e suas tradições. Para a colonização do Brasil, os portugueses lançaram mão da escravização dos nativos, que resistiram a essa situação, mas no decorrer do processo muitos foram exterminados ¹. Diante disso, Portugal começou a ver ruir seu sonho de exploração dos recursos e riquezas do Brasil por falta de mão-de-obra de baixo custo.

Como alternativa para não mais escravizar os índios, e buscando solucionar o problema com os primeiros habitantes do Brasil, nesse projeto colonizador, Portugal foi aconselhado pelos missionários católicos romanos, a recorrer à escravidão dos negros, capturando-os nas várias partes do continente africano². A partir daí, a escravidão negra foi peça básica e fundamental do projeto colonial que dominou a história e a vida brasileira³. Por volta do ano de 1532, os africanos escravizados começaram a chegar ao Brasil⁴ para explorar as riquezas minerais, em especial o ouro, a produção de pau-brasil, do tabaco, do arroz ⁵ e desempenhar o trabalho nas grandes fazendas de engenho de cana-de-açúcar e nas fazendas de café.

Inicialmente, os escravos foram levados para a Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Maranhão e estados vizinhos⁶. Ainda na África os negros capturados, antes de serem embarcados para o Brasil, eram batizados à força e também marcados com ferro em brasa⁷.

¹ CARDOSO, Marco Antônio; SIQUEIRA, Marias de Lourdes. **Zumbi dos Palmares**. Belo Horizonte: Mazza, 1995, p. 19.

² RIETH, Ricardo Willy. **Brasil outros 500 – Protestantismo e Resistência Indígena, Negra e Popular**. São Leopoldo: Sinodal, COMIM, IEPG, 1999, p. 172.

³ BAPTISTA, Mauro. **A Evangelização dos Negros**. RJ: Tempo e Presença, 1988, p. 16

⁴ Ibid, 1995, p. 19.

⁵ BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em Preto e Branco**. SP: Ática, 1998, p. 33.

⁶ BINA, Gabriel Gonzaga. **O Atabaque na Igreja**. A Caminho da Inculturação Litúrgica em Meios Afro-Brasileiros, SP: Brasil, 2002, p. 40.

⁷ RIETH, loc,cit.

Essa marca simbolizava que os impostos correspondentes ao valor da pessoa haviam sido recolhidos como se fossem mercadorias⁸.

Os negros que sobreviveram a viagem e aos maus tratos da África ao Brasil, nos infectos navios negreiros, ao chegarem foram misturados e dispersados para que fossem confundidas suas crenças, religiões, danças, costumes, dificultando sua organização familiar, social e a preservação de sua cultura⁹. Também tiravam-lhe o nome africano e impunham-lhe um nome de origem portuguesa. Especialmente com relação à religião, proibiam-lhe a prática de seus ancestrais, forçando-os a aceitarem o cristianismo¹⁰. A religião que traziam era considerada pelos brancos, que não a conheciam, como religião de demônio. E assim, os escravos eram inseridos na cristandade, praticamente da mesma forma como eram inseridos no sistema de produção escravocata. Evangelização e cristandade não eram propostas, mas impostas¹¹. Aos escravistas não interessava a religião, a língua, as tradições, a arte, a ciência, os costumes, mas somente a força do trabalho. Os negros escravos não eram considerados seres humanos¹². Isso trouxe conseqüências profundas, que se refletem no comportamento discriminatório dado aos seus descendentes que são vistos, ainda hoje, como seres humanos inativos, incapazes¹³.

A catequese feita pelos missionários ensinava aos negros escravos que, entregando o corpo ao cativo, ganhariam a salvação da alma. E, acima de tudo, que desobedecer ao seu senhor e lutar por liberdade eram pecados graves¹⁴.

⁸ SANTOS, Gilberto dos. **Aprendendo com os Cultos Afro-Brasileiros**. SP: Liturgia, 1984, p. 8.

⁹ BINA, 2002, p.39.

¹⁰ CARDOSO, 1995, p.10.

¹¹ BATISTA, 1988, p.16.

¹² CARDOSO, op. cit., p.9, nota 10.

¹³ GONÇALVES, Petronilha Beatriz. **Leitura da Experiência de Deus na Comunidade Negra**. SP: Paulinas, 1998, p.28.

¹⁴ RIETH, 1999, p.172.

Esses ensinamentos partiam de uma Igreja que afirmava não ser lícito um cristão escravizar outro, porém, dos negros que estavam sofrendo na carne dizia-se que sua alma estava salva. A desumanização por que passavam não era nada comparada com a vida eterna que sua alma teria no céu. E, é nessa dissociação entre corpo e alma que, segundo Beozzo, surgiu o “fundamento da teologia da escravidão”¹⁵.

Assim, em meio a esse contexto, os escravos lutavam pelo direito de ter seu culto, protestando contra a invasão e depredação de seu templo pela polícia, alegando o seu direito de tocar, dançar, cantar e brincar em homenagem a seus deuses. Quando falhava a negociação, acontecia a ruptura, que desembocava geralmente na fuga que muitas vezes resultava em quilombo¹⁶.

1.2 A Postura das Igrejas Protestantes em Relação a População Negra

Observa-se que a Igreja Católica Romana não foi só omissa, como também conivente frente aos negros e sua escravidão, utilizando a catequese para manter e conservar seu aprisionamento, através de um ensino que procurava induzi-los a uma resignação na esperança de nova vida no céu. O sofrimento era uma penitência.

Mas, se o catolicismo foi conivente com esta situação, o protestantismo não levantou sua voz. Esses protestantes haviam chegado à Bahia de Guanabara, mais tarde em Pernambuco, no tempo da colônia, e com relação aos escravos não agiram diferente dos portugueses ¹⁷.

Nos documentos que tratam da presença dos holandeses, de origem reformada, no Brasil durante o ciclo do açúcar, encontramos a posição de Nassau afirmando: (...) “não é possível realizar alguma coisa no Brasil sem escravos (...) os quais não

¹⁵ BEOZZO, José Oscar. **Evangelho e Escravidão na Teologia Latino Americana**. SP: Paulinas, 1988, p. 120.

¹⁶ REIS João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito: A Resistência Negra no Brasil** Escravista. P. 53.

¹⁷ RIETH, ano, p. 172.

podem ser dispensados sob quaisquer considerações, sejam elas quais forem, se alguém achar que isso não está certo será por um escrúpulo fútil” (...) ¹⁸.

Os escravos negros, após mais ou menos 300 anos de convivência com um cristianismo massacrante, viram chegar outros missionários que diziam trazer a fé verdadeira, à qual deveriam se converter. Eram os protestantes, ou evangélicos ¹⁹.

E, é nessa panorâmica histórica, entre os anos de 1850 e 1900 teve início no Brasil o trabalho missionário protestante, através do chamado protestantismo de missão, que buscou formar entre seus adeptos uma forte consciência de ser diferente. Esse “ser diferente” significava ser “anticatólico”, o que gerou no meio do protestantismo, uma tendência religiosa firmada na negação e oposição à religião tradicional, arcaica, praticada e vivenciada anteriormente. Era preciso romper com tal situação, abrir-se para o novo, para o moderno, entrando no mundo das letras, a Bíblia. E, também fomentando outra cultura, marcada pelo estilo de vida norte americana. Nessa nova visão religiosa as pessoas passavam a viver a experiência da conversão sinalizada por uma ruptura com o catolicismo ²⁰. Porém, em sua ação catequética traziam resquícios do catolicismo, com relação a postura que adotavam com o povo negro, os escravos, assimilando as mesmas práticas e convicções.

Segundo Ezequiel Andrade, além do posicionamento do missionário congregacional Robert Kalley, que elaborou um documento teológico, com exemplos, confirmando a inviabilidade de um crente ser dono de escravos, o protestantismo limitou-se apenas a levar o ensino religioso para os negros, oferecendo consolo e buscando sua conversão. Na verdade não oferecia qualquer mudança social ou política para a escravidão. As discussões a este respeito foram transferidas para o âmbito político, através do argumento de que a Igreja não se envolve em problemas sociais

¹⁸ BOXER apud AVANCINI. **Doce Inferno**. 1991 ,p.28.

¹⁹ RIETH, 1999, p. 172.

²⁰ RIBEIRO, Cláudio Oliveira. **A Consciência protestante**. SP: Diálogo - Revista do Ensino Religioso, 1996, p.20-21.

justificando a sua omissão diante da escravidão ²¹.

Na segunda metade do século XIX, foram organizadas novas Igrejas Protestantes de Missão ou Históricas, por iniciativa de missionários norte-americanos, que aqui chegaram ²².

Esses missionários vieram tanto do Norte como do Sul dos Estados Unidos, trazendo profundas divergências teológicas e políticas. Os do Norte tinham conceitos teológicos e idéias liberais, se rebelando contra a escravidão. Os do Sul eram ortodoxos intérpretes das Escrituras Sagradas – “fundamentalistas”, nos termos hodiernos. A escravidão era tida como uma instituição ordenada por Deus. O negro era um descendente de Caim, amaldiçoado por Deus para sempre. O servo do servo de seus irmãos ²³. E, assim, em meio a essas divergências teológicas e políticas muitos foram convertidos através de uma pregação fundamentalista que trazia além da resistência ao catolicismo, conceitos e preconceitos contra os negros, levando as Igrejas Protestantes a estigmatizar e menosprezar a cultura e religiosidade africana, considerando-as satânicas. Exemplo disto é o que diz o Pe. Antonio Aparecido da Silva, no texto *Cultura Negra e Evangelização*:

Do púlpito à corte, as práticas religiosas de origem africana foram estigmatizadas e satanizadas, sofrendo, inclusive, a repressão policial. Graças unicamente à proteção divina e à resistência negra, permanecem hoje, mais florescentes que ontem. Mesmo com o clima mais favorável para o ecumenismo e o diálogo religioso que se criou após o Concílio Vaticano II, ainda são fortes os preconceitos e a distância de católicos e protestantes em relação à religiosidade de origem africana. ²⁴

E assim, até aos dias atuais, muitas igrejas protestantes, chamadas históricas, não admitem em seus cultos o uso de instrumentos musicais ou ritmos que não sejam os trazidos pela tradição européia e norte-americana. O som do piano e do órgão é a música considerada harmoniosa e celeste. Os ritmos, os sons de atabaques,

²¹ ANDRADE, Ezequiel Luiz. **Metodismo e Escravidão no Brasil** (1805 -1888). SP: IMES, 1995, p.202-203.

²² RIBEIRO, loc. cit.

²³ VIEIRA, Gueiros D. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**.p. 212.

²⁴ SILVA, Antônio Aparecido da. **Cultura Negra e Evangelização**. SP: Paulinas, 1991, p.99.

tambores, chocalhos, são elementos profanos e pecaminosos, por originarem-se da cultura, e serem usados nos cultos afros, considerados inferiores. Esta visão tem suas raízes ideológicas na idéia de branqueamento que associava o negro a tudo o que é mau, feio e ruim, e o branco ao bom, bonito e perfeito. Para exemplificar, citamos o “Livro sem Palavras”, que possui cinco páginas. A primeira é dourada (representa o céu, suas ruas de ouro); a segunda é preta (representa o pecado); a terceira é vermelha (representa o sangue de Jesus Cristo derramado na cruz para lavar nossos pecados); a quarta é branca (representa a pureza, ausência de pecado) e a quinta é verde (representa a esperança dos remidos pelo sangue de Jesus).

Cada página com sua cor traz seu significado à luz de uma interpretação fundamentalista da Bíblia. Este livro é usado pela Aliança Pró-Evangelização das Crianças – APEC – uma organização fundada por Jessé Irwin Overholtzer (1937), em Chigaco – Estados Unidos, que se expandiu até o Brasil. Nesse livro a sua segunda página de cor preta representava o pecado em nossos corações e quem tiver o pecado, esse nunca poderá entrar no céu. “Esta cor, que é apresentada como símbolo de pecado e da sujeira, aparece em outros momentos da pedagogia da APEC”²⁵, como pode-se notar no cântico para crianças, ainda cantado em muitas igrejas, em que foi trocada a palavra “preto” por “sujo”, que diz:

“Meu coração era preto (sujo),
 Mas Cristo aqui já entrou
 E o seu precioso sangue
 Tão alvo assim o tornou.
 E diz, em sua Palavra,
 Que em ruas de ouro andarei.
 Oh, dia feliz, quando eu cri
 E a vida eterna eu ganhei”
 (autores: Clemente Fraga Moreira e Antonio Almeida – Cânticos de Salvação Para Crianças,
 vol II,p.9)

²⁵ SANTOS, Leontino Farias dos .**Educação: Liberdade ou Submissões?** SP: SIMPÓRIO, p.118.

Dentro do processo educativo no qual, principalmente, crianças estão envolvidas, é segregacionista e discriminadora o uso da cor preta como cor que simboliza o pecado e a sujeira ²⁶.

A teóloga Silvia Regina de Lima Silva diz no texto “Há Sapatos Velhos que Fazem Calos nos Pés” de sua autoria, que os “sapatos que calçamos, a fé que nos foi ensinada e que professamos, parecem não calçar mais bem. Incomodam-nos”.²⁷

O que foi pronunciado por Silva começa a se concretizar em algumas Igrejas Protestantes oriundas da reforma do século XVI, de tradição calvinista, especialmente no norte e nordeste do Brasil, em que os membros dessas igrejas são formados por um número expressivo de afrodescendentes. Esses, num processo de conscientização e descoberta de suas raízes e ancestralidades, aos poucos, vão entrando em seu mundo real e assumem uma nova postura diante de si, da vida e da sociedade.

Esta nova postura vem marcar a mudança de uma posição de não aceitação de sua raça e origem, do seu ser negro, para a valorização dos elementos próprios, que constituem a sua vida. Num primeiro instante, esta descoberta se estabelece em nível pessoal, passando depois a dimensões comunitárias. Exemplo disto nos informa Frei David, quando diz que no Rio de Janeiro é realizado encontros de Capoeiristas Evangélicos, onde pastores e leigos afrodescendentes de várias denominações evangélicas unem com qualidade e releição evangélica elementos simbólicos da cultura afro-brasileira ²⁸. E assim, sem que a própria denominação perceba, os fiéis começam a tirar os sapatos que os apertam (grifo nosso), e em sua expressão litúrgica vão se apropriando e inserindo elementos da cultura e religiosidade afro, com seus ritmos, instrumentos, sons e gestos, hinologia e

²⁶ Ibid. p. 119.

²⁷ SILVA, Silvia Regina de Lima e. **Há sapatos velhos que já fazem calos nos pés**. Petrópolis,: Vozes, 1994, p..29.

²⁸ SANTOS, Frei David Raimundo(OFM) **As Religiões São importantes para os Afrodescendentes?** Internet(Google)

símbolos. Um exemplo é o cântico AXÉ, dentre outros, que faz parte do Cancioneiro de algumas Igrejas Históricas, mais progressistas. A letra e música deste cântico são de autoria de Ismar Tressmann e Marli Lutz, que se expressam assim.²⁹

AXÉ

Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar.
E nesse dia os oprimidos numa só voz
A liberdade irão cantar.

1. Na nova terra o negro não vai ter corrente,
os povos índios vão ser vistos como gente.
Na nova terra o negro, o índio e o mulato,
o branco e todos vão comer no mesmo prato.

2. Na nova terra a mulher terá direitos,
não sofrerá humilhação e preconceitos.
O seu trabalho todos vão valorizar,
das decisões ela irá participar,

3. A raça negra, a maioria deste chão,
ainda hoje busca a abolição.
A nova terra – o Palmares renascido –
será conquista deste povo não vencido.

Axé é uma palavra de origem nagô, que significa saúde, prosperidade, força vital, bem estar. O Axé está contido numa grande variedade de elementos representativos do reino animal, vegetal e mineral, enfim, em cada um dos seres que compõem o mundo. A transmissão do Axé é feita através da prática ritual, da experiência de iniciação, de elementos simbólicos. A mulher, especialmente a genitora, é por excelência a transmissora do Axé³⁰.

AXÉ é quase como SHALOM, para os judeus e cristãos, pois o termo shalom atinge uma vasta gama de sentidos, tal como: prosperidade (Jr 14:13; Sl 72:7), bem-estar (Jr 23:17), felicidade (1ºRs 2:33), saúde (Gn 43:28), segurança (Zc 8:10), salvação (Is 55:12), relações sociais equilibradas (1ºRs 5:26), harmonia com Deus (Ez

²⁹ TRESSMANN, Ismar; LUTZ, Marli. Axé in: O Povo Canta. Cancioneiro da Pastoral Popular Luterana (IECLB).1999, p.74.

³⁰ SILVA, Antonio Aparecido. Cultura Negra e Evangelização. 1991, p.105.

34:25), vida em plenitude (Is 26:3) ³¹.

Apesar de ainda se ter grande luta com relação à Igreja Evangélica e à Consciência Negra, pois no geral, as Igrejas não têm respondido de forma cristã à situação do afrodescendente, alguns passos importantes vêm sendo dado. Como sinal disto, temos exemplos de Igrejas Históricas, onde a questão tem se desenvolvido de maneira efetiva, como foi destacado por ocasião do Fórum de Lideranças Negras Evangélicas, as Igrejas: Metodista do Brasil – única denominação protestante que tem uma Pastoral de Combate ao Racismo; Evangélica de Confissão Luterana do Brasil – através do Grupo de Negros e Negras da Escola Superior de Teologia da denominação vem tentando criar a sua Pastoral da negritude; Presbiteriana Unida do Brasil – oficializou o Dia da Consciência Negra em sua agenda, preparando liturgia especial, e também criou projeto específico para trabalhar o racismo e a negritude ³².

Porém, só essas ações aqui ou acolá não bastam. São critérios fundamentais para superar um passado em que uns foram dominantes e outros dominados, o respeito às diferenças de expressão, aos ritmos e a humildade para ouvir e aprender ³³ que os afrodescendentes brasileiros são parte expressiva dos membros das Igrejas Protestantes, e que com sua origem étnica e cultural tem uma rica contribuição à liturgia.

³¹ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Shalom! Um Mergulho na Compreensão Bíblica de Paz**. P.6

³² Internete-Gloog –**Síntese do Encontro do Fórum de Liderança Negras Evangélicas**. SP-18/10/2003.

³³ BEOZZO, José Oscar. **Ecumenismo e Mundo Afro-Brasileiro**. P.25

2 RECUPERAÇÃO DA NEGRITUDE NA LITURGIA

2.1 Cultos Afros no Brasil

Depois de promulgada a Lei Áurea (1888), e após a Proclamação da República (1889), em que passou a vigorar a liberdade do culto, as manifestações religiosas afro continuaram a ser perseguidas violentamente pela polícia, ideologicamente pela sociedade branca como “coisa de preto” e religiosamente pela Igreja que continuava a lhes atribuir ligações demoníacas¹. Mesmo em meio a todas essas determinantes opressoras a religião para o povo afro-brasileiro continuou sendo a essência de tudo, do seu mundo, razão e porque de sua existência ². Assim, o culto afro-brasileiro sob as várias formas que suas diferentes origens determinaram, acompanha quase toda a história do Brasil. ³

Em 1934, em Recife, por iniciativa de Gilberto Freire, foi realizado o 1º Congresso Afro-brasileiro, que permitiu um primeiro levantamento sistematizado da influência negra no Brasil, uma geografia e uma sociografia dos cultos afro-brasileiros. A disseminação desses cultos nos grandes centros urbanos propiciou novas formas de sincretismo, agora não só o dos deuses dos escravos com os santos católicos, mas também, com o espiritismo kadercista. Neste contexto é realizado em 1941, na cidade do Rio de Janeiro, o 1º Congresso de Espiritismo de Umbanda. Alguns anos depois, a Congregação Espírita Umbandista do Brasil (1950), a União Nacional de Cultos Afro-brasileiros (1952) e outras instituições, nacionais e regionais passam a coordenar e defender os interesses de seus fiéis. A partir daí, acelerou-se o crescimento do número de adeptos da classe média urbana aos terreiros dos cultos afro-brasileiros, especialmente a Umbanda, que inicialmente eram restritos aos escravos e seus descendentes ⁴.

¹ SANTOS, Gilberto dos, 1984, p.9.

² CAMARGO, Elzeni Fernandes – Boletim Informativo nº 1. CONER/SC. p. 3.

³ Projeto CENACORA

⁴ Projeto CENACORA. Principais Projetos Desenvolvidos – CESE/CMI. Disponível em: www.google.com.br. Fevereiro, 2003.

Segundo Pe. Antônio Aparecido da Silva “a Umbanda , a rigor, não é uma religião africana, é brasileira”. É uma religião que se formou agregando elementos da religiosidade indígena, do Espiritismo Kardecista que vem da França, do Catolicismo popular e do Candomblé que veio da África. Recebe vários nomes. No Rio de Janeiro e em outros lugares se chama Macumba, assinalando sua origem Banto. Dependendo da região se chama Terekou⁵.

Pela forte presença de elementos europeus, a Umbanda evocou um moralismo vitoriano quando introduziu no ambiente de seu culto a separação de homens e mulheres, assumindo, também, a cor branca como símbolo de pureza e a preta, do contrário. Essa atitude está enraizada na ideologia do embranquecimento, postura essa que não se faz presente no Candomblé⁶.

O Candomblé, religião de raiz e teologia essencialmente africana, de origem sudanesa, mantém o culto dos orixás⁷, divindades que habitam o espírito chamado Orum, que transpassa o mundo material, conhecido como Ayê, onde vivem os seres humanos⁸. Esse culto foi trazido para o Brasil pelos escravos negros.

O Candomblé, por sua referência às origens africanas desempenha a função social de identidade para as comunidades negras no Brasil. Religião de grande beleza em suas celebrações e de crenças muito complexas, que só os iniciados podem conhecer. As suas várias formas são caracterizadas conforme a nação africana a qual cada terreiro se reporta . O mais conhecido é o Candomblé Nagô, com forte presença na Bahia⁹.

De acordo com as regiões do Brasil o Candomblé recebe outros nomes, como por exemplo, no Rio Grande do Sul chama-se Batuque, em Pernambuco, Paraíba e

⁵ Id. **As Religiões de Cultura Afro**. RS: Mundo Jovem, 2000, p.6.

⁶ SANTOS, 1984, p.10.

⁷ SILVA, 2000, p. 6.

⁸ REEBER, Michel. **Religiões**: termos, conceitos e idéias. Apêndice - Religiões no Brasil - Candomblé. RJ: Ediouro, 2002.

⁹ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religiões do Povo**. SP: Paulinas, 1988, p.113.

Alagoas – Xangô, no Maranhão e Pará – Tambor-de-Mina, e Bacaçuê – versão local, em Belém, no rito jeje-nagô do Candomblé baiano¹⁰.

Do ponto de vista lingüístico a palavra Candomblé tem na sua estrutura elementos de origem banto, correspondente a nação de Angola, de onde vem o termo Candomblé que se origina de dois vocábulos de grupos banto - Ka = costume (Kimbundo, Angola) + ndombre + preto (Kilongo, Gongo) significando costume dos pretos¹¹. Num sentido religioso, Candomblé quer dizer a dança do orixá ou dança para o orixá.¹²

Liturgicamente, Candomblé significa raio de luz, isso porque, na cerimônia de iniciação de uma pessoa esta se encontra numa tenda sem janelas, completamente escura. Quando a porta da tenda se abre e entra a luz e a pessoa sai essa luz que entra na tenda é propriamente o Candomblé. Isto significa que a pessoa nesse momento está nascendo para a luz¹³.

O Candomblé, por ser uma religião africana, conserva muitos símbolos africanos, suas tradições, sua maneira de ser, isto é, muitos elementos da cultura africana¹⁴. Na verdade, a religião dos Orixás tudo fala através de sinais, num ternário – terra-água-fogo. A terra é o princípio, tudo começa e termina com ela. A água é a origem, por isso, terra e água se conjugam o tempo todo nos terreiros de candomblé. O fogo, entre outros sentidos, traz a idéia de reunião da comunidade, grupo social. Mas, apenas a partir da terra, água e fogo, os seres vivos nada seriam. E foi com esta situação que o Orixá criador se deparou. Assim, Olodumaré, reconhecendo o trabalho do velho olheiro, soprou a criatura e lhe conferiu vida. Esse sopro foi o ar (emin) o próprio Deus, a força vital (Axé), que mantém e sustenta todos os seres vivos e se apresenta de várias formas.¹⁵

¹⁰ CENACORA, 2003.

¹¹ SODRÉ, Nair. **Do Brasil Colônia Ao Brasil de Hoje: Uma Religião do Povo**.pp.121, 122.

¹² SANTOS,1984,p.9.

¹³ SILVA,2000, p.6.

¹⁴ Ibid, p.6.

¹⁵ JÚNIOR, Vilson Caetano de Souza. **E Deus veio para ficar**: notas sobre a simbologia do candomblé.SP: Revista do Ensino Religioso, 2003, p.34 e 35.

Há dois pontos importantes a serem registrados. Primeiro, ainda hoje existe na sociedade brasileira discriminação frente às religiões afro. Muitos membros destas religiões não se declaram publicamente e/ou têm dupla militância, freqüentando ao mesmo tempo a Igreja Católica. Essas pessoas, quando questionadas sobre a qual religião pertencem, declaram-se católicas. Isso, na maioria das vezes, demonstra mais uma pressão social do que reflexo da convicção e prática religiosa, revelando ser este comportamento vestígio da escravidão. Também, as religiões afro-brasileiras são em grande parte terreno desconhecido pelas Igrejas tanto Católica Romana como protestantes que, muitas vezes, as classificam como grupos folclóricos, e suas práticas religiosas como superstição¹⁶. Em segundo lugar, é importante destacar que há terreiros que se autodenominam de Candomblé, devido ao prestígio que esta expressão religiosa alcançou, sem entretanto demonstrar sua ligação com as origens africanas.¹⁷

2.2 Ritos

Para falarmos sobre rito religioso é necessário que nos lembremos que é um fenômeno humano. Sendo assim, o rito é uma necessidade que a pessoa manifesta para expressar realidades que não são vistas e “que dão sentido ao convívio humano nas diversas circunstâncias”.¹⁸

Toda liturgia é feita de ritos. Portanto, o rito em se tratando de uma cerimônia ou ritual religioso, não pode ser entendido como se fosse uma obrigação a ser cumprida, mas como alimentação e forma de expressar o sentimento de pertencer a uma comunidade e, junto com os demais, estar ligado ao transcendente. Assim, o rito é uma sincronia, um jeito diferente e dinâmico de acontecer a celebração.

Encontramos em vários textos bíblicos, descrição ritual do culto sagrado dos

¹⁶ BERKENBROCK, Volney J. **A Experiência dos Orixás: Um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**. Petrópolis: Vozes, 1997. p.33 e 38.

¹⁷ OLIVEIRA, 1988. p.113.

¹⁸ CATÃO, Francisco. **A religião e o rito**. SP: Revista de Ensino Religioso, 2000. p.7.

hebreus e de como introduziram em sua liturgia cantos, instrumentos musicais, danças, gestos significativos, símbolos festivos e comunitários, sinalizando sua relação com o transcendente, como forma de expressarem sua gratidão a Deus. Muitos salmos exemplificaram isso (Sl 47:1; Sl 98: 5-6; Sl 100:2 e 3; Sl 150). Essa forma ritual do povo bíblico, não era assim tão diferente da do povo africano, que ao expressarem sua religiosidade, à vida e à força das comunidades são manifestadas, também, no ritual litúrgico, numa linguagem revelada através de gestos, compenetração, sinais, cânticos, símbolos, que falam das realizações, dos anseios e das buscas comunitárias. Exemplo disso é o Candomblé, religião de matriz africana paradigma dos cultos de origem afro em todo o Brasil. Sua ênfase está no rito e na iniciação, que através de seu ritual litúrgico, todos os presentes são levados a uma participação efetiva, expressos nos gestos, na dança e objetos simbólicos que representam a saudade da África. Daí se dizer que o ritual do Candomblé pode ser considerado, do ponto de vista musical, um oratório dançado¹⁹.

O ritual litúrgico foi a forma que cada povo, com seus costumes e culturas inventou para dizer o seu muito obrigado a Deus, como fez o povo bíblico. Portanto, o que acontece nas celebrações não é só um amontoado de palavras, mas o sentimento se faz presente. O rito faz exatamente isso, ajuda a tecer redes com elementos que foram trazidos para cá. Proibidos de celebrarem seus atos religiosos de acordo com suas tradições, para disfarçar, usaram imagens de santos católicos em suas celebrações.²⁰ Mediante a situação em que os negros escravos se encontravam, seria fácil esquecerem os antepassados, as tradições, a herança religiosa. Porém, o rito expressado ou realizado através do objeto simbólico, foi garantia da preservação de sua identidade que jamais os senhores poderiam roubar. Isto nos lembra o povo de Israel no cativeiro babilônico, o seu rito eram as lágrimas, conforme é relatado nos versos do Salmo 137:1-6 e escrito por Isnard Rocha:²¹

¹⁹ CENACORA. Principais Projetos Desenvolvidos. Cultos Afro-Brasileiros. www.google.com.br. Fev/2003

²⁰ Terezinha Mota Lima da Cruz. Rito: **Uma linguagem humana**. SP: Revista de Ensino Religioso, 2000. p.34

²¹ ROCHA, Isnard. **Bíblia em Versos-Salmos**. Atibaia: Èbano, 1991. p.147.

Saudades da Pátria

- 1 As margens dos grandes rios,
ali, nós nos assentávamos;
dos rios da Babilônia,
e ali, bem triste, chorávamos.
- 2 Lembrando-nos de Sião
e dos salgueiros que havia,
as nossas harpas caladas,
ali, a gente as prendia.
- 3 Aqueles que nos levaram
cativos pro cativoiro,
pediam nossas canções
com ares de zombeteiro.
E todos opressores
queriam ver alegria;
Entoai canções de Sião
a voz que sempre dizia.
- 4 E como, pois haveríamos
de entoar um canto ao Senhor,
- 5 Se eu de ti me esquecer,
ó, minha Jerusalém;
que a minha mão, a direita,
resseque-se muito bem.
- 6 E minha língua se apague
bem junto ao meu paladar;
se caso, Jerusalém
de ti jamais me lembrar ! ...
E para a minha maior
é santa e pura alegria,
aquilo que desejei
assim me aconteceria!

Os negros expressam Deus na sua vida através de sinais concretos do dia-a-dia. O AXÉ, que é princípio da vida ou energia vital, é transmitido através da prática ritual da experiência de iniciação de elementos simbólicos. Esses símbolos enriquecem a liturgia e a compreensão de Deus. As Igrejas cristãs ainda usam muito do discurso escrito que inibem o povo a se expressar, em especial os afrodescendentes.

2.3 Corporeidade

O Verbo/Palavra estava com Deus, e era Deus. Se fez Carne/Corpo e veio morar entre nós. Assim, nos fala o evangelho de João, que diz também que o Verbo/Palavra (Deus) pode ser visto em sua glória, cheio de graça e verdade (Jo 1:1,14). Deus, ao se encarnar, tornou-se corpo e alma.

Herdeiros da filosofia grega, protagonista do dualismo corpo e alma, passa-se a valorizar mais a alma em detrimento do corpo, esquecendo que “o ser humano é ao mesmo tempo espiritual e corporal. Negar um desses aspectos é caricaturar a pessoa humana e mutilar a criação de Deus.”²²

Ao afirmar-se a nossa fé através das palavras do Credo Apostólico, declarando “Creio na Ressurreição do corpo e na vida eterna”, está se dizendo que por causa da Ressurreição não podemos esquecer ou ignorar o nosso corpo. Através da ressurreição comprova-se, portanto, o valor e a sublimidade do corpo. Tomar consciência disso é importante na liturgia, pois, “às vezes tornamo-nos até mesmo incapazes de nos deixar tocar pela emoção” que às vezes necessita expressar-se pela via da corporeidade.²³ A liturgia é feita de sinais sensíveis, que são apreendidos através de nossos sentidos: olhos, pele, mãos, ouvidos, boca. O povo da Bíblia em sua liturgia de culto a Deus procedia assim.

Para o negro, o próprio corpo já é em si mesmo sacral. De acordo com sua religiosidade, a religião passa por todo corpo, não só pela cabeça, e vem carregada de emoção, de vida, de vibração. Assim, se dá numa liturgia dos cultos afros.²⁴

Para realizar uma liturgia-afro-cristã é preciso fazer dos ritos prescritos verdadeiros gestos humanos carregados de significação e de afeto, em que a expressão corporal dará vida ao celebrar o Deus que se fez carne (encarnou) e veio morar entre nós.

2.4 Espaço Litúrgico

Espaço litúrgico é o lugar privilegiado para a comunidade ouvir o que Deus tem a dizer. É onde se dá a renovação da Aliança que Deus fez com seu povo. Por ser o lugar em que se dá o encontro de Deus com a Comunidade e dela com Ele (Mt

²² TEIXEIRA, Nereu de Castro. **Corporeidade e Liturgia**. SP: 2000, p.78.

²³ MENDES Elmir da Silva . **Liturgia Porta Aberta aos Jovens**. p.83

²⁴ MIRA, João Manuel. **Reflexão sobre a Evangelização do Negro no Brasil**. SP: Paulinas,1990. p.106

18:20), é preciso que seja um espaço que proporcione aconchego, alegria, que possibilite expressar gestos de fraternidade. E, assim através de seus costumes e cultura, a comunidade expressa-se diante do sagrado, do transcendente, e presta a Deus culto e adoração, usando o que há de melhor e mais expressivo através de ritos e símbolos, integrando e atualizando o tempo cósmico, o biológico e o histórico, no momento celebrativo.

Muitas vezes esse espaço litúrgico, na maioria das igrejas cristãs, pela disposição do ambiente, desde a construção do prédio ao mobiliário, dificulta o relacionamento da comunidade com o sagrado e com os irmãos e a comunidade passa a ser público assistente.²⁵

Atualmente, os negros católicos e protestantes, ao assumirem a consciência da negritude, que freqüentemente é achatada pela ideologia do embranquecimento e da dominação cultural, constatam que na liturgia cristã estão ausentes os traços da cultura afro. Para o povo negro o lugar litúrgico é um lugar de integração, reconciliação, harmonização, de todos os níveis de pessoas. Sendo o terreiro na tradição cultural africana o local em que se dá tudo isso, por ser o espaço onde se reúnem as pessoas, onde se está em contacto direto com a natureza, onde esta e o homem se reconciliam com Deus.

Desta maneira visível, neste espaço litúrgico, a celebração recupera sua dimensão bíblica e se dá verdadeiro “hino do universo”.²⁶ Sendo assim, é preciso que as igrejas protestantes históricas tomem consciência de que há dentre seus membros a presença do afrodescendente e que por isso precisa-se redimensionar o espaço onde se dá a celebração e rever a forma litúrgica de se cultuar o Deus da vida, de todos os povos e nações, incluindo elementos intrínsecos da religiosidade e cultura afro.

²⁵ SANTOS, 1984, p. 12.

²⁶ SILVA, A Comunidade Negra e o Espaço da Celebração Litúrgica, SP: Revista Liturgia, 1986, p. 20.

2.5 Fundamentação Bíblico-Teológica Para Uma Recuperação da Negritude Na Liturgia

Peter T. Nash relata, em um de seus artigos publicados no boletim *Identidade*, sobre suas aulas de Hebraico e Antigo Testamento para alunos(as) africanos(as), ocasião em que esses afirmavam que fatos de sua cultura eram iguais aos registros bíblicos, por essas afirmações foi motivado a pesquisar acerca do referido comentário, e assim pode confirmar que é a cultura européia que se afastou da cultura bíblica.²⁷

Um antigo documento conservado por Lucas (At 8.26-40), narra a entrada do primeiro africano negro na Igreja, confirmando, assim que os negros estiveram presentes nas origens da Igreja antes dos europeus. Entretanto, a maioria dos negros acha que a sua presença na Igreja é recente, quando na realidade é mais antiga que a própria missão de Paulo na Europa.²⁸ Esses registros, levam-nos a perceber que mesmo a Bíblia, que não é um livro voltado para um determinado povo, destaca a presença dos negros em suas narrativas, com seus costumes, cultura e maneira de cultuar a Deus. Exemplo disso, se dá quando vemos referências sobre a terra de Cuch (termo de origem egípcia usado para designar países situados ao sul do Egito e acessíveis pela navegação)²⁹ ou da Etiópia (significa de modo geral para os gregos, toda África Negra; não era a região que atualmente se chama Etiópia)³⁰, designação dada aos povos negros na bíblia (Is 11:11;18 :1,2 e7; Am 9:7; Sf 1:1 e 3:9-10; Jo 28:18,19; At 8:27).

Por causa da falta de informação bíblica e teológica, falar em negritude na Igreja para alguns, torna-se desnecessário e sem sentido, para outros, assusta, gerando ainda hoje, tanto dentro como fora da mesma, pessoas que fazem diferenciação baseada na cor da pele.

Assim, o texto bíblico que diz: “Desse modo não há diferença entre judeus e não judeus, entre escravos e livres, entre homens e mulheres: todos vocês são um só por estarem unidos com Cristo” (Gl 3:28), é uma verdade teológica que ainda não foi encarnada como realidade na vivência comunitária.³¹

²⁷ NASH, Peter T. **Porque Falar de Negritude na Bíblia e na Igreja**. RS: 2000, p.9.

²⁸ COMBLEM, José. **O Batismo do Ministro da Rainha da Etiópia**. Petrópolis: Estudos Bíblicos, 1988. p.63 e 68.

²⁹ PADILHA, Gunter. **Hermenêutica Bíblica Negra (2ª parte)**. São Leopoldo, RS, 2001. p.11.

³⁰ COMBLEM, op. cit., p.65.

³¹ NASH, 2000. p.8.

De acordo com experiência e observação da autora, esses comentários espelham a postura de muitas Igrejas Históricas no Brasil, que mesmo tendo dentre seus membros pessoas afrodescendentes, procuram moldá-los a postura silenciosa da instituição, no que se refere à liturgia e negritude ou uma hermenêutica bíblica negra, isto porque, nessas igrejas, ainda há predominância da ideologia da superioridade racial ou da pequeno-burguês liberal.

Somente no pentecostalismo, braço popular do protestantismo no Brasil, que vamos encontrar expressiva participação negra³² Por ser o pentecostalismo, em sua origem e base, Igreja dos deserdados, onde resolvem o “aqui e agora” antes do problema do destino da alma na eternidade, período aguardado através de uma esperança alimentada pelas evidências do Reino no dia-a-dia (Lc 7:18-13) ³³.

A Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, não afirma preferência por uma determinada raça em detrimento de outra. Mas, o cristianismo herdou do Império Romano toda uma ideologia contra o negro, escravo do branco, incorporando essa herança em sua teologia. “Podendo ser verificada essa postura através dos escritos de alguns dos Pais de igreja que usaram a narrativa da maldição dada por Noé ao seu filho Cam, conforme relata o livro de Gênesis em seu capítulo 9, versículos 18 a 27, para comprovarem que a escravidão dos negros era consequência do pecado de Cam, assim se expressam: Ambrósio, “os escravos provêm do pecado como Cam, o filho de Noé, o primeiro que por culpa própria recebeu o nome de escravo” (Migne, Patrologia Latina, 17,409). “A cor dos etíopes significa as trevas da alma e sua hediondez que se volta contra à luz,deixa envolver por escuridão,é mais parecida à noite do que ao dia”(Migne, Patrologia Latina, 14,128) Agostinho, “esse nome (escravo) provém da culpa, não da natureza” (De Civitate Dei, 19,15).

Orígenes, “se negro é associado ao pecado, constitui uma espécie de estado de pecado permanente, que afeta os que vivem além do rio Etíope, que foi atingido por

³² ZWESTSCH, Roberto. **Axé Malungo** ! p.146.

³³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Uma Religião Festiva**.RJ: Tempo e Presença, 1987. p.21.

excessivos pecados e malícias, e resultaram escuros(Migne,Patrologia Grega,13,103).³⁴

Pode-se observar que desde os primórdios do cristianismo, usava-se o texto bíblico para legitimar situações de discriminação, opressão, miséria e injustiça. Essa teologia chega ao Brasil com os colonizadores e os missionários católicos romanos.

Por outro lado, o pensamento teológico protestante que aqui chegou era pietista, fazia separação entre o espiritual e o temporal, se preocupando somente com a salvação da alma, e assim os missionários mantinham-se calados frente aos acontecimentos e relação a exegese que era feita dos textos bíblicos.³⁵

Chega o momento em que o negro ao descobrir e assumir sua negritude é levado a entrar em seu mundo real e ter nova postura diante de si, da vida e da sociedade o que vai refletir em sua vivência de fé, “que é uma fé essencialmente revolucionária e transformadora”.³⁶ Começando assim, como comunidade negra, a perceber formas concretas e elementos da manifestação de Deus na vida do povo negro, “que é também, e acima de tudo, o povo de Deus”³⁷. Alicerçados por uma releitura bíblica, que favorece a descoberta da proposta de Deus para a humanidade, em que os negros também estão incluídos, podendo visualizar o rosto de Deus, um rosto negro repleto de esperança, cujos olhos antevêem a libertação.³⁸

A Bíblia afirma que Deus é um Deus justo, que reina sobre toda a criação, sobre todos os governos, sobre todas as forças e movimentos humanos. E esse Deus vai, um dia, corrigir todas as injustiças deste mundo, “erguer o fraco da poeira, e retirar o pobre do monturo, para fazê-los sentar-se com os príncipes e atribuí- lhes o lugar de honra. Pois, ao Senhor pertencem as colunas da terra” (1º Samuel 2:8). E, considerando os atos poderosos de Deus no passado, Ele, de fato, já fez isto, como

³⁴ HOONAERT, Eduardo. **Uma Guerra sem Trégua**.SP: Revista Liturgia, 1984. p.17.

³⁵ KIDDER apud ANDRADE,1995. p.185.

³⁶ SANT'ANA, Antonio Olímpio de. **O Negro Latino-Americano**.RJ: Tempo e Presença, 1989, p.28

³⁷ Ibid.,1989, p.28.

³⁸ Ibid.,1989, p.28.

diz o Magnificat: “Ele interveio com toda a força de seu braço, dispersou os homens de pensamento orgulhoso, os famintos ele cobriu de bens e os ricos, despediu-os de mãos vazias” (Lc 1:51-52).

Essa concepção bíblica de Deus como soberano e juiz deve contribuir, se suficientemente levada em conta e testemunhada pelos cristão como um poderoso dissuasivo contra a conduta injusta e desumana e um forte motivo a favor da justiça.

Há de se considerar, também, a obra de Deus na criação. Deus criou a todos, toda raça, sexo, cor e língua existentes. Mesmo sem esquecer o estado decaído da humanidade, permanece o fato de que são todos igualmente criados por Deus, todos possuidores de dignidade semelhante. E, assim, a providência de Deus, seu cuidado, é igual para todas as pessoas, de tal maneira que, às vezes, os justos reclamam injustamente da sua misericórdia manifestada na vida dos ímpios que prosperam (Sl 73). O Deus da Bíblia não deixa de dar a todos demonstração do seu cuidado e bondade. “No passado, Deus deixou que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos. Mas, Deus sempre mostrou o que Ele é, por meio das boas coisas que faz: é Ele quem manda as chuvas do céu e as colheitas no tempo certo; é Ele quem dá também a comida e enche o coração de vocês de alegria” (At 14:16-17).

Ao constatar numa nova perspectiva bíblico-teológica, que Deus caminhou sempre ao lado do povo e também do negro, que continua a caminhar com todos, aumentamos ainda mais a convicção de que Deus se faz presente hoje, na prática do povo negro que busca trazer a negritude através da expressão litúrgica. Vivenciar “a palavra de Deus é um acontecimento poético, evocação de realidade indescritível na vida de um povo”³⁹.

Portanto, a reflexão teológica negra está “preocupada com o resgate da dignidade dessa comunidade, também criada à imagem e semelhança de Deus”⁴⁰. Para que isso seja concretizado “é necessário conhecer sua história, seus anseios, suas

³⁹ CONE, James H. apud ZWERSCH, Roberto. op.ct.p.142, nota 51.

⁴⁰ ROCHA, José Geraldo da. **Teologia & Negritude: Um Estudo sobre os Agentes de Pastoral Negros**.RS: Palloti, 1998, p.139.

dores, seus sofrimentos, suas alegrias e suas esperanças”.⁴¹ Sendo assim, ela propõe não só que nos mudemos de lugar, mas nos convida a que façamos juntos a experiência de Deus na condição de quem foi e ainda é marginalizado para descobrir através da experiência própria, com seus símbolos e danças, o Deus que denuncia a injustiça e a opressão e que anuncia a sua justiça.

2.6 Aspectos da Inculturação

Antes de discorrer sobre os aspectos da inculturação é necessário definir esta nova terminologia que só emergiu com força na década de 70. É um termo pouco conhecido. Não consta no Aurélio, dicionário da língua portuguesa, como também na maioria dos dicionários que tratam de temas teológicos.⁴²

O primeiro aspecto a ser considerado é o da formação da palavra que é composta por IN+CULTURA+ÇÃÃO, sendo: IN, prefixo que apresenta a idéia de penetração, inserção, introdução; CULTURA, o elemento lingüístico que compreende o núcleo da palavra inculturação, ou seja, a idéia central, e ÇÃÃO, prefixo significando ação, atividade, movimento.⁴³

O segundo aspecto, diz respeito ao surgimento da palavra que é um neologismo criado a partir dos trabalhos do Concilio Vaticano II (1963), mas não aparece em nenhum documento produzido naquela ocasião. Surgem ao ser interpretadas as expressões latinas “aptatio” e “acomodatio”, que podem ser traduzidas por inculturação, como no caso dos artigos 65 e 77 da Sacrosanctum Concilium.⁴⁴ A diferença entre inculturação e outros vocábulos relacionados à cultura é que a inculturação transborda do sentido teológico da encarnação e é articulada em estreita relação com a soteriologia ou doutrina da sabedoria.⁴⁵ Assim, afirmar que

⁴¹ Ibid,1998, p.139.

⁴² SILVA, **Comunidade Afro: Inculturação, Negritude e Teologia**, RS: CONIC/IEPG, 1995. p.35.

⁴³ **Inculturação da Liturgia**, 5ª Semana Teológica, IFT da Arquidiocese de Vitória.

⁴⁴ CHUPINGCO, Anscar J. **Liturgias do Futuro: Processos e Métodos de Inculturação**.Genebra/Suíça: FLM. p.36

⁴⁵ TAKATSU, Sumiro. **Inculturação no Novo Testamento**.p.9. RS: CONIC/IEPG, 1995.

inculturação se refere a tudo o que diz respeito ao relacionamento de Deus e o seu povo, “tudo o que a Palavra de Deus, o verbo de Deus, assumiu quando se fez carne e veio habitar entre nós”,⁴⁶ é corretamente teológico.

Na medida em que se vai descobrindo o sentido da inculturação, nota-se que se trata de uma prática vivenciada nos processos de confrontos culturais, estando aí a evangelização dos povos, que a torna perceptível quando estudamos a história da evangelização, no âmbito das Igrejas Cristãs.

Fica claro que a difusão do evangelho, enquanto ação de comunicar às pessoas os elementos fundadores da fé cristã, só é realmente possível através de um processo que leva em conta a inculturação⁴⁷, por que ela “visa uma aproximação radical e crítica entre evangelho e culturas. Essa aproximação é um pressuposto para a comunicação da boa notícia do amor de Deus nas diferentes culturas”.⁴⁸ A inculturação foi, na verdade, uma realidade vivida pelo povo do Novo Testamento e nas comunidades da Igreja Primitiva, se estendendo até os dias de hoje. Isso nos leva aos seguintes questionamentos: Como protestantes, em especial das Igrejas Históricas de tradição Calvinista, o que podemos fazer para ter um novo olhar, não preconceituoso quando nos aproximamos dos afrodescendentes, respeitando sua cultura, religiosidade, uso e costumes, herdados de sua origem étnica? Qual o espaço que poderemos dar aos afrodescendentes que desejam resgatar sua etnia e são membros de Igrejas Históricas? Como exercitar a inclusão que também é proposta no evangelho?

O teólogo filipino Anscar J. Chupungco, em um de seus artigos sobre a temática da inculturação, fornece algumas pistas aos questionamentos acima, quando diz que a capacidade da liturgia de adaptar-se a cultura é sinal de que houve inculturação, pois o objetivo imediato da inculturação é criar uma forma de culto culturalmente

⁴⁶ CHUPINGCO, op. cit., p. 36, nota 73.

⁴⁷ SILVA, 1995, p.35.

⁴⁸ SUESS, Paulo. **Apontamentos para a Construção do Paradigma da Inculturação**.RS: CONIC/IEPG, 1995.p.29.

adequada a pessoa em seu “modus vivendi”, de forma que ela possa dizer que esse é seu próprio modo de adoração. E o objetivo principal da incultuação é a participação ativa e inteligente das pessoas no culto, o que só se torna possível a partir da sua convicção de fé, expressa através de dinâmica, de sinais e símbolos culturais, com os quais podem ter uma compreensão e apreciação mais profunda do mistério de Cristo, tornado presente na celebração e resgatado em sua experiência plena através dos textos, símbolos, gestos, história, tradições, padrões culturais, criatividade artística do povo e festas litúrgicas.⁴⁹

Portanto, inculturação pressupõe aprendizagem e também a oferta de uma mensagem evangelizadora que seja uma boa nova, devendo significar um dom que torna rica a realidade do outro, uma fonte de irrigação que nutre sem sufocar a singularidade do outro.

⁴⁹ CHUPINGCO, op. cit.,p. 36, nota 73.

3 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA LITURGIA AFRODESCENDENTE PARA A VIDA DAS COMUNIDADES DA IPU

3.1 A Igreja Presbiteriana Unida do Brasil – IPU e suas Comunidades

Para falar sobre o tema deste capítulo e para que se oportunize mais clareza ao leitor, faz-se necessário fornecer alguns dados históricos sobre a formação da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil – IPU, suas posições teológicas e litúrgicas, suas comunidades, mesmo que sucintamente, por se tratar de uma Igreja que forma o mais novo ramo do presbiterianismo no Brasil.

A IPU é uma comunhão de presbitérios e igrejas locais a eles jurisdicionadas e adota a forma representativa conciliar de governo.¹ Professam a fé no Senhor Jesus Cristo e compartilham a herança reformada, de maneira comprometida com a caminhada ecumênica e a luta pela transformação social. A história de sua organização eclesiástica começa com concílios, igrejas e pastores insatisfeitos com a situação instaurada na Igreja Presbiteriana do Brasil – IPB (1967-1975), onde aconteciam expurgos nos seminários teológicos e também fechamento como o do Seminário Presbiteriano do Centenário (SPC/Vitória/ES-1968), pastores eram marginalizados e exilados, presbitérios e sínodos dissolvidos, templos tinham suas portas acorrentadas (BH/MG-1968), teólogos banidos, a criatividade dos jovens cerceada, e os que desejavam ser fiéis ao pensamento da Reforma do Século XVI, tinham que deixar a IPB ou viver como exilados.²

Os que foram colocados à margem continuavam a ser presbiterianos, sobrevivendo com as suas convicções pessoais e comunitárias, querendo com humildade permanecer fiéis às tradições do Evangelho de Cristo e também à tradição reformada.

¹ Princípios de Fé e Ordem – “Do Governo”. Art. 5º ...

² ARAÚJO, João Dias de. Inquisição sem Fogueira. P. 55, 70, 76,88, 98,121.

Neste contexto, os presbitérios de Vitória (ES) e o de Jundiá (SP) lideraram o 1º Encontro de Presbiterianos em outubro de 1977 em Vitória (ES). Em março de 1978, é realizado o 2º Encontro de Presbiterianos na 2ª Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte (MG). Em 10 de setembro de 1978, é realizado o 3º Encontro de Presbiterianos, na cidade de Atibaia (SP), ocasião em que é organizada a Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas – FENIP, que reunida na III Assembléia Geral Ordinária em 8 de janeiro de 1983, na cidade de Vitória (ES) passa a denominar-se Igreja Presbiteriana Unida do Brasil – IPU, assumindo posições teológicas, doutrinárias e litúrgicas que estão definidos nos seguintes documentos:

“Princípios de Fé e Ordem”, “Compromisso”, “Pronunciamento Social”, “Manifesto” e “Declaração”, documentos que expressam o posicionamento dessa Igreja, que propõe ser uma Igreja de confissão presbiteriana, com respeito e dignidade, com liberdade e responsabilidade, aceitando o desafio do pluralismo. É uma Igreja que está filiada aos organismos ecumênicos nacionais (CONIC, CESE, DMO) e internacionais (CMI, CLAI, AMIR, AIPRAL).

A IPU tem as Sagradas Escrituras como padrão de doutrina e ética. E, diante dela, reconhece o direito a diferentes posicionamentos exegéticos e teológicos, que recebem influência de condicionamentos históricos e culturais, mas que são orientados pelo Espírito Santo em suas transformações. Essas circunstâncias históricas e culturais passaram a constituir verdadeiro patrimônio espiritual da Igreja Cristã. A reflexão sobre teologia e vivência em igreja têm sido também expressada nos documentos: Confissão Escocesa, Catecismo de Heidelberg, Segunda Confissão Helvética, Confissão de Fé de Westminster, Catecismo Menor, Declaração Teológica de Barmen, Confissão de 1967 e nos Credos dos Apóstolos e Niceno.³

Conforme a tradição apostólica, a IPU adota dois Sacramentos: o Batismo e a

³ Princípios de Fé e Ordem – “Da Doutrina”. Art. 4º ...

Eucaristia, ambos meios de graça eficaz pela atualização da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Adota o batismo de criança, realizando-o por aspersão, sustentando que é por ele que a comunidade e pais assumem a incorporação da criança no Corpo de Cristo, devendo ser celebrado no Culto Comunitário. Quanto a forma de ministrá-lo, reconhece outras quando se trata de admissão em sua comunhão por motivo de transferência, assim não precisando haver rebatismo.

Reconhece que o batismo habilita à participação na Eucaristia. A celebração da Eucaristia pode ser em formas litúrgicas diferentes, desde que seja sempre enfatizados o significado do corpo e sangue de Cristo e a unidade do povo de Deus neste ato sacramental. A Profissão de Fé é adotada como confirmação dos votos batismais e como expressão do desejo daqueles que querem inserir-se nos diversos ministérios da Igreja.⁴

Em julho de 2000 (Marechal Floriano-ES), a IPU reuniu-se para seu planejamento estratégico (biênio 1999-2001), ocasião em que através de um diagnóstico sobre liturgia e adoração, detectou-se haver “grande e antigo anseio nas comunidades por material e orientações litúrgicas que preservem nossa identidade cristã reformada, ao mesmo tempo em que promovam a atualização permanente da prática cúltica, incorporando criticamente elementos da cultura brasileira”.

Em 2001, como parte de seus programas sociais, e compromettimentos com os que são oprimidos e discriminados, a IPU criou o Projeto Social de Solidariedade com as mulheres negras e indígenas – PROSA, que recebeu ajuda do CMI, apoio e parceria da CESE, CONIC, CLAI e CENACORA. Este é um desafio na busca de superar a violência resultante da discriminação e preconceitos presentes nas práticas religiosas e culturais por questões de gênero, etnia e raça. Como parte ativa do projeto foi elaborada uma cartilha, estão sendo preparados outros materiais didáticos e realizados encontros, seminários e celebrações ecumênicas com mulheres negras e indígenas em diversas regiões do Brasil.

⁴ Princípios de Fé e Ordem – “**Das Posições Doutrinárias e Litúrgicas**”. Art. 9º, alíneas c,d,e,f,g,h.

É importante ressaltar que no ano em que completa seu Jubileu de Prata, a IPU conta com 8 presbitérios que jurisdicionam mais de 50 igrejas que se estendem desde São Paulo até Belém – PA, sendo que as maiores concentrações de Igrejas encontram-se em Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Belo Horizonte. Toda IPU perfaz um total de aproximadamente 4.000 membros, podendo-se afirmar que pelas características étnicas da população das cidades onde há maior concentração de suas comunidades, 60% desses são afrodescendentes. Essas igrejas estão localizadas em sua maioria na zona urbana, algumas no centro e um número expressivo na periferia.

Mediante o que acaba de se registrar sobre as posições teológicas, doutrinárias, litúrgicas, sociais e as características das comunidades da IPU, pode-se dizer que essa Igreja oferece o espaço privilegiado para análise, reflexões e discussões sobre o tema “Liturgia e Negritude”, abrindo-se para o estudo e busca das possíveis contribuições litúrgicas do culto afro sem, contudo fazer um transplante da teologia e dos elementos fundadores do mesmo.

Acredita-se que a IPU, pelos posicionamentos e propostas de uma Igreja pluralista, ao aproximar-se do tema citado, enriqueça sua expressão litúrgica com contribuições dos ofícios religiosos afrodescendentes, no que se refere aos elementos que encontram compatibilidade no culto cristão.

3.2 O Que é Liturgia Afrodescendente?

A liturgia do culto afro é realizada num local denominado terreiro, mais que um espaço geográfico, é o lugar do encontro, onde imperam a generosidade, a compaixão e a partilha. Na tradição cultural africana esse lugar é privilegiado para a celebração litúrgica que se dá através da integração, reconciliação e harmonização de todos os níveis da pessoa (corpo, alma, espírito). Ali acontece também a reconciliação da natureza e do homem com o Sagrado. Esse lugar litúrgico, por ser um espaço kenótico, favorece a uma acolhida afetiva aos que ali se reúnem e ao

ritual que usa a expressão corporal.⁵ A celebração realizada é algo envolvente e todos os presentes são levados a uma participação efetiva.

Um aspecto importante, é que todos se sentem tocados, pelo Sagrado (a pessoa humana também representa todo o Sagrado), o que se torna motivo de grande festividade e efusiva alegria.⁶ Durante o culto são lembrados os mitos que ajudaram a preservar a história do povo negro, além de ser para os negros uma forma de resistência e esperança nos momentos difíceis, como por exemplo, o “OMOLU”, que é um negro que se compadece de tal forma da dor e sofrimento de seus irmãos que acaba por assumir em seu corpo essa dor e sofrimento, desta forma, torna-se o Orixá Médico dos negros⁷.

A liturgia fala da vida das pessoas, de seus problemas, suas dificuldades, demonstrando assim o forte sentido da dimensão comunitária. As vestes especiais, os instrumentos musicais, usados para o encontro do Sagrado com o povo e deste com o Sagrado contribuem para um clima festivo e assim o ambiente cultural é animado, vivo, alegre, com movimentos, danças, cantos, gestos, cores, flores, comidas. O ritmo da dança leva a pessoa a sintonizar-se com o ritmo genuíno do universo tal como vem interpretado pela memória ancestral⁸.

O uso da expressão corporal, presente através das danças nas celebrações que expressam a força espiritual é de grande beleza rítmica, proporcionando a participação ritual e gestual, relativizando palavras e comentários. Por ser uma religião que economiza palavras e esbanja símbolos eloqüentes, tornando-se às vezes, eloqüentes no silêncio. Há danças rituais que seguem rigorosamente uma grande tradição, só podendo participar das mesmas as pessoas iniciadas⁹.

⁵ SILVA, 1986, p.20.

⁶ JÚNIOR, 2003. p.33.

⁷ SANTOS, 1984. p.11.

⁸ SANTOS, *ibid.*, 10.

⁹ MARTINS, Cleo. **A Religião dos Orixás e o Ecumenismo**. (apostila- Curso Cristologia Feminista do ITEBA – 26/06/01). p.11.

Outra participação importante na liturgia afrodescendente têm os sacerdotes-músicos que propiciam a união do divino com o humano, por intermédio dos atabaques, que falam em especial nos pátios do Sagrado, sendo a forma mais sublime de oração contemplativa de união¹⁰.

No ritual litúrgico do culto afro, há apresentação pelas pessoas de ofertas de alimentos aos orixás, onde através desses alimentos a força do Sagrado se faz presente. Esses alimentos ao serem repartidos com a comunidade reunida no final das celebrações, “destaca a importância da partilha que é elemento central na vida e espiritualidade do povo negro, na África e na diáspora”¹¹.

Todo terreiro tem seu ciclo de festas, ou seja, celebrações litúrgicas públicas. Mas, recomenda aos visitantes que devem comparecer com respeito e amor.

Podemos concluir que a liturgia afrodescendente é a forma ritual usada pelos negros, trazida da África pelos seus antepassados para cultuar Olodumaré, Deus Supremo e Senhor da Vida, que é a natureza (terra, água, fogo e ar) e comunidade (pessoa humana), que se apresenta através dos seus enviados, os orixás. Na liturgia do culto afro tudo tem sua simbologia e relação com o sagrado que é compreendido como presença constante no meio da comunidade, nas pessoas, nos objetos sagrados, nos tambores e no dia-a-dia da vida de seus membros¹².

3.3 Possíveis Contribuições da Liturgia Afrodescendente

Como já dito, as possíveis contribuições destacadas a seguir, não objetivam fazer um transplante da liturgia afrodescendente mas, sim, que a IPU ao aproximar-se dessa temática, seja enriquecida e despertada em sua prática litúrgica comunitária.

¹⁰ MARTINS, Cleo. **A Religião dos Orixás e o Ecumenismo**. (apostila- Curso Cristologia Feminista do ITEBA – 26/06/01).p.11.

¹¹ JÚNIOR, José Alencar Lhulhier; MOTA, Sônia Gomes. **Tear-Liturgia em Revista**.São Leopoldo: CRL/EST/IECLB, 2001. p.5.

¹² JÚNIOR, 2003. p. 32 a 34

Pois, sendo o culto cristão o encontro de Deus com a Comunidade, o fazer litúrgico é uma festa de gente com seus corpos, suas mentes, sentidos, sentimentos, necessidade de comunhão.

A seguir, serão considerados alguns elementos da liturgia do culto afro que contribuirão para a prática litúrgica do culto cristão.

Elementos de reflexão:

Da liturgia do culto afro ----- para ----- a liturgia do culto cristão

O sagrado é compreendido como presença constante no meio da comunidade.

Resgatar no meio da comunidade o sentimento de ter o Sagrado (Deus) sempre presente na vida cotidiana, não sendo somente transcendente, mas também imanente.

A presença e a liberdade de se expressar com o sagrado.

Incentivar a prática de uma vida devocional e de oração. (Ex. OPD).

O sentido forte da dimensão comunitária.

Ser sensível aos motivos que levam as pessoas a se reunirem, como no momento da intercessão, oportunizando as pessoas a declinarem os seus pedidos para intercessão.

A partilha do alimento sagrado e a importância deste ato.

Recuperar o sentido sagrado do alimento, estabelece laços na comunidade e prolonga a confraternização (Ex. Ágape).

Recuperação da memória histórica do povo negro.

Dar mais atenção nas celebrações aos elementos da herança da fé cristã (releitura bíblica dos vários textos por exemplo, Atos 8:26-40), considerando os

<p>Uso da expressão corporal na liturgia; uso dos símbolos; uso de instrumentos musicais vindos da cultura afro.</p>	<p>afrodescendentes bem como outros imigrantes presentes na celebração.</p> <p>Valorizar a beleza do canto e o ritmo da música com instrumentos vindos da cultura afro, resgatando a presença da dança em sua beleza rítmica, envolvendo todo o corpo no celebrativo e também dando aos símbolos litúrgicos dinamicidade visibilidade, veracidade. Constatar-se-á que todo esse conjunto de atitudes darão uma dimensão alegre ao encontro, proporcionando a participação ritual, gestual e simbólica, relativizando palavras e comentários.</p>
<p>Valorização das pessoas na identificação com a liturgia celebrada.</p>	<p>Compreender que assumir a própria identidade e cultura, valorizando-as, é algo imprescindível a qualquer processo de inculturação sendo assim, essencial na criação de uma liturgia inculturada.</p>
<p>Valorização do (e no preparo do) espaço litúrgico; valorização das vestes e cores litúrgicas, liturgia alegre, expressiva e participativa.</p>	<p>Compreender que esses valores, cuidadosamente respeitados numa celebração afro precisam ser resgatados numa celebração cristã, como por exemplo: re-valorização do espaço litúrgico que favoreça uma</p>

acolhida mais humana e afetuosa da comunidade, que possibilite uma expressão corporal livre e criativa; uso de uma ornamentação adaptada à comunidade celebrante, bem preparada e revestida de cores e flores, criando, assim, um ambiente convidativo à celebração, possibilitando um verdadeiro encontro de Deus com o seu povo através da espontaneidade e liberdade, alegria e expressiva participação desse povo na liturgia.¹³

Com esses pontos aqui sinalizados podemos perceber que não houve transplante da liturgia do culto afro para a liturgia do culto cristão. Após serem feitas análises da liturgia do culto afro, verificou-se que houve, sim, um despertar para o resgate na liturgia do culto cristão dos ritos e formas, que com o passar dos tempos, foram deixados de lado, tornando assim o culto cristão celebrado nas Igrejas Históricas frio e distante da comunidade que intrinsecamente traz seus princípios étnicos e culturais, e professa a fé cristã. Para uma mudança de postura nessas comunidades, se faz necessário rever a história do Culto Cristão, criar encontros, oficinas de estudos, na busca de um renovar litúrgico em que sejam valorizados os ritos, a corporeidade, o espaço litúrgico à luz de uma fundamentação bíblico-teológica, em que se possa recuperar a negritude na liturgia.

¹³ **Celebrar a partir da herança das três raças.** Conclusões da Assembléia ASLI. Revista Eclesiástica Brasileira, p. 659 e 662.

3 CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo é despertar e instrumentar às Igrejas Protestantes e históricas de tradição Calvinista para uma mudança de sua práxis litúrgica, em que se possa experimentar uma inculturação litúrgica afrodescendente sem perder o seu referencial litúrgico reformado. Para isso, buscou oferecer a essas Igrejas embasamentos científico e bíblico-teológico. Essa pesquisa, portanto, não objetiva se dar por concluída. São necessários vários desdobramentos do que até aqui foi sinalizado, como, por exemplo, tornar em ação concreta o tema “Liturgia e Negritude: Uma aproximação ao tema na perspectiva da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil – IPU”, tornando-se a IPU precursora ao renovar a prática litúrgica das igrejas protestantes históricas de tradição Calvinista, tornando-as mais inclusivas às várias etnias e suas culturas, a partir do negro. Por ser o Brasil o maior país de população negra, fora da África, o que influenciou na formação de seu povo e cultura.

O que se buscou nesta pesquisa foi descobrir possibilidades, embasadas em estudos e reflexões a partir dos documentos originadores da IPU e de uma fundamentação bíblico-teológica, de se criar um espaço litúrgico, onde os afrodescendentes cristãos, membros dessas comunidades, possam praticar sua fé sem deixar de lado suas raízes étnicas e culturais. E que juntos como comunidade da fé, nesta Igreja Reformada Protestante Calvinista, que busca uma “nova forma de ser igreja”, prestem o culto ao Deus da vida, com alegria e sinceridade, numa liturgia inteligente, com beleza e vitalidade, enriquecida pela alegria e o jeito de ser afrodescendente.

Os estudos, reflexões e pesquisas continuarão até que o sonho de Deus se concretize: “que todos sejam um”. (Jo. 17:21).

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Ezequiel Luiz. **Metodismo e escravidão no Brasil (1805-1888)**: Uma abordagem histórico-cultural da Igreja Metodista frente à escravidão. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: IMES, 1995.

ARAÚJO, João Dias de . **Inquisição sem fogueiras**. Rio de Janeiro. Instituto Superior de Estudos da Religião, 1982.

AVANCINI, Elesa Gonçalves. **Doce inferno**. Açúcar-guerra e escravidão no Brasil Holandês (1580-1654). São Paulo: Atual Editora, 1991.

BAPTISTA, Mauro. **A evangelização dos Negros**. Rio de Janeiro:Tempo e Presença, n.227, p.16, jan-fev/88.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em Preto e Branco**. São Paulo: Ática,1998.

BEOZZO, José Oscar. Evangelho e escravidão na Teologia Latino Americana. In: RICHARD, Pablo (org.). **Raízes da Teologia Latino Americana**. São Paulo: Paulinas, 1988, p.83-120.

_____. Evangelho e escravidão na Teologia Latino Americana In: RICHARD, Pablo (org.). **Ecumenismo e mundo afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Tempo e presença, n.25, out/88.

BERKENBROCK, Volney J. **A Experiência dos Orixás**: um estudo sobre a experiência no Candomblé. Petrópolis: vozes,1997, p.33.

BINA, Gabriel Gonzaga. **O Atabaque na Igreja**: A caminho da Inculturação litúrgica em meios Afro-Brasileiros. São Paulo: Brasil, 2002.

CAMARGO, Elzeni Fernandes. Matrizes Africanas: Religiões Afro-Brasileiras – Boletim Informativo nº 1, CONER/SC. p. 3.

CARDOSO, Marco Antonio; SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Zumbi dos Palmares**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

CATÃO, Francisco. **A Religião e o Rito**. Diálogo - Revista de Ensino Religioso, São Paulo, n.18, p.7, maio/2000.

CENACORA - Principais Projetos Desenvolvidos - parceria CESE e CMI. Disponível em: www.google.com.br. fevereiro/2003.

CHUPUNGCO, Anscar J. **Dos Métodos de Aculturación Litúrgico**. In. FLM e Estudios-relación entre culto y cultura. Genebra/Suíza: FLM, p.36.

COMBLEM, José. **O Batismo do Ministro da Rainha da Etiópia**. Estudos Bíblicos. Petrópolis, n.17, p. 63-65 e 68. 1988.

CRUZ, Terezinha Motta Lima da. **Rito: uma linguagem humana**. Diálogo. Revista de Ensino Religioso, São Paulo, n.18, p.34, maio/2000.

FLORIANO, Maria da Graça. Presença do Negro nas diferente denominações Presbiterianas. In: NOVAES, Regina Reyes; FLORIANO, Maria da Graça. (org.). **O Negro evangélico**. Rio de Janeiro: ISER, 1985. p.9-32.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Shalom! Um Mergulho na Compreensão Bíblica de Paz**. Rio Grande do Sul: Mundo Jovem, n.323, ano XL, p.6, fev./2002.

HOORNAERT, Eduardo. **Uma Guerra sem Trégua**. Revista Liturgia, São Paulo, n.66, p.16/17, nov./dez./1984.

JÚNIOR, José Alencar Lhulhier & MOTA, Sônia Gomes. EST celebra Dia da consciência Negra. **TEAR Liturgia em Revista**. CRL/EST/IECLB, São Leopoldo, n.6, p.5, dez./2001.

JÚNIOR, Vilson Caetano de Souza. **E Deus Veio Para Ficar**: notas sobre a simbologia do Candomblé. Diálogo- Revista do Ensino religioso, São Paulo, n.29, p.34 e 35, fev/2003.

MARTINS, Cleo. **A Religião dos Orixás e o Ecumenismo**. Apostila do Curso Cristologia Feminista-ITEBA, Salvador-BA, p.11, 26/06/01.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Uma Religião Festiva**. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, n.220, p.21, junho/87.

MIRA, João Manuel Lima. Reflexão sobre a evangelização do Negro no Brasil. In. SILVA, Antônio Aparecido da (org.) **América Latina: 500 anos de evangelização**. São Paulo: Paulinas, 1990. p.106.

NASH, Peter T. **Porque Falar de Negritude na Bíblia e na Igreja**. Identidade p. boletim do Grupo de Negr@s da EST/IECLB, São Leopoldo - RS, 1-8, v.1, nº 2 e 3, out/dez./2000.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. Religiões do povo. In. BEOZZO, José Oscar (org.). **Coleção Teologia Popular**. São Paulo: Paulinas, 1988. p.113.

PADILHA, Günther. **Hermenêutica Bíblica Negra (2ª parte)**. Identidade Boletim do Grupo de Negr@s da EST/IECLB, São Leopoldo-RS, v.2, n.01, p.11, jan/abril./2001.

PRINCÍPIOS DE FÉ E ORDEM – Igreja Presbiteriana Unida do Brasil – IPU.

REEBER, Michel. **Religiões:** termos, conceitos e idéias. GUERRA Luiz Cavalcante M. Rio de Janeiro: Ediouro, Apêndice (Candomblé). Religiões no Brasil, 2002.

REIS, João José, SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito:** A resistência Negra no Brasil Escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. A consciência protestante. **Diálogo-Revista do Ensino Religioso.** São Paulo, n.2, p.20/21, maio/1996.

RIETH, Ricardo Willy. **Brasil outros 500** - Protestantismo e a Resistência indígena, \negra e Popular. São Leopoldo:Sinodal, COMIM, IEPG, 1999.

ROCHA, Isnard. Coleção: **Bíblia em Versos-Salmos.** 2.ed. Atibaia: Ébano, 1991.

ROCHA, José Geraldo da. **Teologia & Negritude-** Um estudo sobre os agentes de pastoral negros. Santa Maria. RS: Pallotti, 1998.

SANT'ANA, Antonio Olímpio. **O Negro Latino-Americano.** Rio de Janeiro: Tempo e Presença, nº 242, p.28, junho/89.

SANTOS, Gilberto dos. Aprendendo com os Cultos Afro- Brasileiro. **Revista Liturgia.**São Paulo, n.66, p.6-12, nov./dez.1984.

SANTOS, Leontino Farias dos. **Educação:** Libertação ou submissão? A ideologia da educação protestante na perspectiva da APEC. São Paulo: Simpório.

SILVA, Antonio Aparecido da. **Negritude e Liturgia.** **Revista Liturgia,** São Paulo, nº 66, p.1-5, nov./dez./1984.

_____. **Comunidade Afro: Inculturação, negritude e teologia.** In: SCHMIDT, Ervino e ALTMANN, Walter (ed). **Inculturação e Sincretismo.** RS: CONIC e IEPG, 1995. p.35.

_____. **A Comunidade Negra e o Espaço da Celebração Litúrgica.** *Revista Liturgia.* São Paulo, nº 75, p.18-20, maio/junho.86.

_____. **As Religiões de Cultura Afro-Mundo Jovem.** Rio Grande do Sul, n.312, Ano XXXVIII, p.6, nov.2000.

_____. **Cultura negra e Evangelização.** In: BEOZZO, José Oscar (org.). **Coleção Teologia Popular.** São Paulo: Paulinas,1991. p.99.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Leitura da experiência de Deus na Comunidade Negra.** In: SILVA, Antonio Aparecido da (org.). **Existe Um Pensar Teológico Negro?** São Paulo: Paulinas, 1998. p.28.

SILVA, Silva Regina de Lima. **Há Sapatos Velhos que Fazem Calos nos Pés.** RIBLA, Petrópolis: Vozes e Editora, São Leopoldo; Sinodal, n.19, 1994. p.29-35.

SOARES, Afonso M. L. **Os Deuses Também Migram.** *Diálogo-Revista do Ensino Religioso,* São Paulo, n.2, p.27, maio/1996.

SUESS, Paulo. Apontamentos para a construção do Paradigma da inculturação. In: SCHMIT, Ervino e ALTMANN Walter (Ed.). **Inculturação e sincretismo.** RS: CONIC/IEPG,1995. p.9.

TAKATSU, Sumiu. Inculturação no Novo Testamento. In: SCHMIT, Ervino e ALTMANN, Walter (edl). **Inculturação e Sincretismo.** RS: CONIC/IEPG, 1995. p.9.

TEIXEIRA, Nereu de Castro. Corporeidade e Liturgia. In: **Suplemento Família Cristã**. São Paulo, n.778, fasc.5, 2000.p.78.

TRESSMANN, Ismair, LUTZ, Mali. AXÉ. In: **O Povo Canta. Cancioneiro da Pastoral Popular Luterana**. IECLB, 1999. p.74.

WHITE, James F. **Introdução ao Culto Cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.